

*Artigos Dossiê*

# *Espaços rituais de ingestão da Ayahuasca no oeste catarinense: estudo de caso do espaço Céu Caminhos do Amor*

*Ritual spaces for Ayahuasca ingestion in west catarinense: case study of space Céu Caminhos do Amor*

Jaisson Teixeira Lino<sup>1</sup>

Natália Aimée Barilli Concolato<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo fazer apontamentos acerca da expansão das linhas ayahuasqueiras para o interior do Brasil, mais especificamente o oeste de Santa Catarina, utilizando como objeto de estudo o espaço xamânico Céu Caminhos do Amor para compreender a permanência de institutos neoxamânicos em meios urbanos. Aborda as especificidades históricas que determinam o surgimento de espaços neoxamânicos nos centros urbanos e, para além, apresenta uma série de ritualísticas que representam um leque de experiências, abrangendo diferentes processos de formação cultural. Este artigo propõe-se a discorrer acerca da morfologia dessas cerimônias e principalmente da sua cosmologia, que envolve não somente a utilização da bebida, mas também as abordagens culturais que se mesclam a partir das percepções dos participantes.

**Palavras-Chave:** Ayahuasca; Xamanismo; Neoxamanismo.

**Abstract:** This article aims to make notes about the expansion of the Ayahuasqueiras lines to the interior of Brazil, more specifically to the west of Santa Catarina State, Brazil, using the shamanic space Céu Caminhos do Amor as an object of study, to understand the permanence of neoxamanistic institutes in urban. It addresses the historical specificities that determine the emergence of neoshamanic spaces in urban centers, and beyond, presents a series of rituals that represent a range of experiences that cover different processes of cultural formation. This article proposes to discuss the morphology of these ceremonies and especially their cosmology, which involves not only the use of the drink, but also the cultural approaches that are mixed from the ideologies of the participants.

**Keywords:** Ayahuasca; Xamanismo; Neoxamanismo.

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Pós-doutor em Arqueologia pela Universidade de Amsterdã, Holanda. E-mail: [lino@uffs.edu.br](mailto:lino@uffs.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5582-526X>

<sup>2</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: [historiaaimee@gmail.com](mailto:historiaaimee@gmail.com). <http://orcid.org/0000-0002-0304-5533>.

## Introdução

O presente artigo procura discutir a construção e a permanência de espaços de consumo da Ayahuasca no meio urbano, tendo como objeto de estudo o Instituto Neoxamânico Céu Caminhos do Amor, situado em Coronel Freitas, no estado de Santa Catarina. A partir de um estudo interdisciplinar que aborda aspectos históricos e sociais, é possível compreender a construção histórica do espaço, as relações estabelecidas entre o instituto e a comunidade local como também as experiências e as motivações dos participantes e sua ligação íntima com o consumo do chá.

Os estudos acadêmicos que abordam o uso da Ayahuasca iniciaram-se na década de 1960 e interpelam o uso da Ayahuasca e a relação da bebida com populações urbanas, sendo de fundamental importância para o embasamento e o desenvolvimento deste trabalho.

No início do século XX, desde que a mesalina foi isolada de amostras do cacto peyote, em 1897, por Arthur Heffter, e sintetizada em laboratório, em 1919, por Ernst Späth, difundiram-se diversas experiências de cientistas, psicólogos, escritores e artistas com esta droga. Mais tarde, Aldous Huxley, que identificava nas viagens psicodélicas veículos para transportes dos antípodas mentais, tornou-se a partir do início dos anos 1950 um expoente marcante de uma aventura cultural de desbravamento pioneiro de um novo campo epistemológico, quando se difundiu o LSD, descoberto por Albert Hoffman em 1943. (CARNEIRO, 2005, p. 54)

Entre as décadas de 1960 e 1970 verifica-se um crescente interesse em compreender a religiosidade indígena, principalmente a busca por experiências com estados de êxtase proporcionada por diversas substâncias, incluindo a Ayahuasca. A busca pelas experiências foi de fundamental importância para a difusão de conhecimentos em comunidades urbanas. O xamanismo<sup>3</sup> adentra esse campo de pesquisa a partir do uso da Ayahuasca de forma ritualística, criando, assim, o movimento denominado neoxamanismo, que é um conglomerado de conhecimentos e especificidades que transitam entre o xamanismo ancestral e as novas formas de consumo da Ayahuasca. O presente estudo parte desse conceito, buscando compreender os aspectos da simbiose entre o ancestral e o moderno, a conectividade entre o meio urbano e o conhecimento ancestral indígena bem como as novas formas de se olhar a espiritualidade, oriundas dessa interação.

Metodologicamente, buscamos mapear as principais linhas ayahuasqueiras existentes no Brasil e traçar o conjunto originário da fundamentação que institucionalizou espaços neoxamânicos independentes, em especial a concretização

do espaço Céu Caminhos do Amor, relacionando sua importância para o local onde este encontra-se inserido e, mais precisamente, a sua contextualização a partir das entrevistas e dos depoimentos dos fundadores e membros da organização, por meio de uma abordagem histórica e antropológica.

Com o objetivo de compreender como se dá a construção dos espaços neoxamânicos urbanos, foram analisadas, neste estudo, a realidade do espaço, a maneira como se desenvolvem suas ritualísticas e o uso de medicinas e abordagens dos conceitos xamânicos em um espaço não indígena. Assim, o principal desafio da pesquisa foi compreender a construção histórica dos traços da Ayahuasca no oeste catarinense, além das diferentes motivações que levaram à construção do espaço Céu Caminhos do Amor e a prática cultural envolta nesse ambiente. Falar sobre o espaço abre também um viés para que se possa discutir a importância da estruturação do local em um contexto urbano, a relevância para o meio urbano inserido e a maneira como, por meio desse espaço, as pessoas podem ter uma aproximação com a cultura xamânica.

## **Ayahuasca, a medicina indígena em espaços urbanos**

Embora exista uma nomenclatura variada, o nome Ayahuasca é usado para determinar o chá feito a partir da decoção de duas plantas: o cipó *Banisteriopsis Caapi* e a folha *Psychotria Viridis*; o primeiro com o nome popular de Jagube ou Mariri e a segunda conhecida por Chacrona ou Rainha da Floresta. Conforme dito anteriormente, a Ayahuasca é conhecida por uma diversidade de nomenclaturas, como, por exemplo, Santo Daimé, Vegetal, Hoasca, entre outros termos que se referem às diferentes raízes e ritualísticas implantadas no consumo da bebida.

A palavra Ayahuasca pertence à língua quéchua. De acordo com Luna (1986), *Aya* quer dizer “pessoa morta”, “alma”, “espírito” (“dead person, soul, spirit”) e *Waska* significa “corda”, “liana”, “cipó” (“cord, liana, vine”). Assim, pode-se-ia traduzir Ayahuasca em português de campo em Pucallpa, Peru, em janeiro de 2002, encontrei o seguinte significado: “soga de muertos” ou “soga de los muertos”, isto é, “corda de morto” ou “corda dos mortos”. A Ayahuasca consiste geralmente na infusão do cipó *Banisteriopsis caapi* e do arbusto *Psychotria viridis*, à qual se podem acrescentar ainda diversas outras plantas (LABATE, 2005, p. 398).

Para o preparo do chá o cipó é batido e cortado em pequenas lascas e a folha é imersa em água. Logo após são construídas camadas de folhas e lascas que são imersas em água e fervem durante horas em uma fogueira até originar-se um chá

viscoso de cor terrosa. Em muitas culturas Ayahuasqueiras a fervura do chá perdura por no mínimo 40 horas.

Além da produção com as espécies de vegetais *Banisteriopsis Caapi* e *Psychotria Viridis*, a matéria-prima da bebida pode variar, dependendo das diferentes tradições amazônicas, afinal cada linha ayahuasqueira indígena pode apresentar uma variada gama de vegetais no preparo da bebida, principalmente porque cada uma dessas culturas compreende uma concepção específica da Ayahuasca. Dessa forma, podem variar a textura, o aroma e o sabor da bebida, assim como a duração dos efeitos dela no corpo humano.

No entanto, quando se fala a respeito do consumo da Ayahuasca em espaços urbanos, faz-se necessária a padronização no preparo do chá a fim de se obter a regulamentação legal, assim como no uso religioso da bebida. A Ayahuasca é considerada e utilizada por diversos movimentos religiosos como forma de contato com o espiritual e como meio de expansão da consciência, permitindo o contato íntimo e singular com o indivíduo. Os efeitos e as características da bebida, combinados ao seu uso religioso, apontam um novo olhar para o consumo de substâncias psicoativas.

A experiência com a Ayahuasca é acompanhada pela emergência de visões vívidas, estados similares ao sonho, carregadas de significado pessoal e representam o acesso ao universo sobrenatural. Normalmente promovem estados de bem-estar e são utilizadas como coadjuvantes para o equilíbrio, onde podem acontecer fenômenos de purga e limpeza espiritual (ESCOBAR, 2012, p. 23).

Legal e religiosamente, a Ayahuasca é interpretada como uma bebida enteógena<sup>4</sup> que atua na expansão de consciência espiritual. Tal afirmação vai de encontro ao que é apresentado nas pesquisas, que sustentam a hipótese de que as  $\beta$ -carbolinas presentes em uma dose comum do chá de Ayahuasca estariam muito abaixo do limiar de uma dose com efeitos psicotrópicos ou mesmo tóxicos (CALLAWAY *et. al.* 1996; SANTOS, 2007 *apud* SOUSA, 2011, p. 349).

Diversos estudos conduzidos com a Ayahuasca (e seu princípio ativo, DMT), demonstram a segurança orgânica e psíquica da administração dessas substâncias em seres humanos saudáveis. Tem sido demonstrada que a Ayahuasca não promove adição, nem apresenta o fenômeno de tolerância química, nem alterações importantes de diversos fatores bioquímicos, hormonais, hepáticos e renais (ESCOBAR, 2012, p. 37).

Por assim ser, atualmente o uso da Ayahuasca tem se relacionado intimamente com uma nova perspectiva na abordagem de diversos problemas psíquicos, como ansiedade, abuso de substâncias químicas, transtornos compulsivos, entre outros. Nesse contexto, então, espaços urbanos neoxamânicos se concretizam também como espaços terapêuticos individuais e como uma nova alternativa terapêutica urbana.

Desde 1950 o termo “psicodélico” apresenta-se como uma alternativa para denominar substâncias que causam a expansão da consciência. Então, a necessidade de caracterizar os diferentes psicoativos usados no Xamanismo nativo e nos espaços neoxamânicos urbanos dá-se, principalmente, para que se possa observar a natureza espiritual e religiosa deles. Para tanto, o termo “enteógeno” tem sido empregado por antropólogos e historiadores para caracterizar a dualidade que transita entre o espiritual e o psíquico.

Em geral a Ayahuasca e substâncias análogas como LSD-25, mescalina, psilocina e ergotamina, entre outras, tem sido tratada pelo senso comum como substâncias alucinógenas. Entretanto, tal termo parece inadequado para a plena caracterização da experiência mental com essas substâncias, e a ciência, em um esforço de maior compreensão, tem proposto a utilização de outros termos buscando abarcar dimensões na experiência psicodélica (ESCOBAR, 2012, p. 42).

Denominar a Ayahuasca como enteógeno possibilita que olhemos o contexto geral por trás do uso ritualístico dela, já que atualmente o uso da bebida estendeu-se para além da floresta, transitando pelo território urbano brasileiro. A grande diferença do consumo da bebida em comunidades não indígenas está relacionada às abordagens em torno das concepções de cada grupo sobre o protagonismo da Ayahuasca em suas cerimônias, caracterizadas pela divisão das principais linhas ayahuasqueiras.

Em 1986 a organização União do Vegetal reivindicou a regulamentação da Ayahuasca no Brasil. A discussão findou no ano de 2010, com o parecer favorável do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), que instituiu a regulamentação para a produção, o uso, o envio e o transporte da Ayahuasca, os procedimentos da prática e a definição para o uso terapêutico e outras questões científicas.

A regulamentação do CONAD e os pareceres favoráveis vêm ao encontro da Constituição Federal de 1988, especificamente do Título II, Dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo I, Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos,

Artigo 5º, inciso VI, que estabelece “É inviolável a liberdade de consciência e crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias [...]” (BRASIL, 1988), que engloba os direitos à cultura e a preservação de costumes, crenças e movimentos religiosos indígenas. O parecer do CONAD instituiu, ainda, que não deverão existir restrições de práticas religiosas baseadas no uso da Ayahuasca nas comunidades. “A partir das discussões entre o GMT e o CONAD, chegou-se à conclusão do que seria o uso lícito da bebida Ayahuasca: Seria aquele feito em contexto exclusivamente religioso sem demandar qualquer atividade comercial, recreativa, artística ou medicinal” (PACHECO, 2014, p. 51).

Cada linha Ayahuasqueira fica, então, responsável pela produção e pela distribuição da Ayahuasca em sua rede interna. No entanto, a resolução CONAD constata que é inconcebível vetar o pagamento em torno dessa produção, uma vez que o envio e o transporte podem ter custo elevado, dependendo da área de produção. Isso contribui, principalmente, para a criação de casas de feitiço comunitárias, em que vegetalistas poderão produzir o chá para diferentes linhas ayahuasqueiras, originando a distribuição independente para espaços neoxamânicos.

A vedação da comercialização da Ayahuasca não se confunde com seu custeio, com pagamento das despesas que envolvem a coleta das plantas, seu transporte e o preparo. Tais custos de manutenção, conforme seja o seu modo de organização estatutária, são suportados pela comunidade usuária. E é evidente, também, que a produção da Ayahuasca tem um custo, que pode variar de acordo com a região que a produz, a quantidade de adeptos, a maior ou menor facilidade com que se adquire a matéria prima (cipó e folha), se se trata de plantio da própria entidade ou se as plantas são obtidas na floresta nativa, e tantas outras variáveis (BRASIL, 2010, s/p.).

Além das despesas com envio e transporte, há de se considerar o valor de manutenção e reflorestamento das áreas nas quais o cipó e a folha serão retirados bem como as despesas com a manutenção do plantio de *Banisteriopsis caapi* e de *Psychotria viridis* em áreas de ambiente relativamente hostil, que demandam a criação de estufas climatizadas para o desenvolvimento das plantas. Cabe, no entanto, aos produtores vegetalistas apenas a cobrança do valor de custeio e manutenção, desempenhando a função de produção exclusivamente voluntária.

Os vegetalistas são curandeiros indígenas ou mestiços das populações rurais do Peru e da Colômbia que detêm o conhecimento dos antigos indígenas sobre as plantas sagradas (LUNA, 1986 *apud* LABATE, 2005) e são vistos pelos povos tradicionais amazônicos como herdeiros da cultura Xamânica. Para se tornarem

ayahuasqueiros, eles precisam passar por diversos ritos e provações, como a abstenção sexual e a abstinência de álcool e açúcar.

De acordo com a cultura, somente após passar por diferentes etapas e provações os estudantes das medicinas estarão aptos a preparar o chá ou dominar os espíritos contidos nas plantas para que a Ayahuasca, ao ser preparada, libere todo o poder contido dentro da bebida. Assim, muitos dos fornecedores da bebida que integram uma ampla rede de distribuição pelo Brasil não necessariamente vivem dentro de espaços indígenas, mas dirigem-se até os espaços de feitiço no momento da preparação do chá.

Outra medida de fundamental importância tomada pelo GMT diz respeito ao consumo da Ayahuasca por menores de idade. Visto que em grande parte das linhas ayahuasqueiras o consumo da bebida por crianças e adolescentes é comum, a resolução instituiu que “o uso da Ayahuasca por menores de 18 (dezoito) anos deve permanecer como objeto de deliberação dos pais ou responsáveis, no adequado exercício do poder familiar” (BRASIL, 2010). Cabe ressaltar que em muitas das linhas ayahuasqueiras compreende-se que a partir dos sete anos qualquer indivíduo pode fazer uso do chá em menor quantidade, levando em conta sua evolução espiritual.

É muito comum que a partir dos 14 anos de idade adolescentes integrem espaços de uso da Ayahuasca de forma independente sem o aporte físico de seus pais. Entretanto, exige-se que os pais conheçam os espaços e registrem um termo de responsabilidade, mesmo que não participem de rituais com a bebida, compactuando com as relações estabelecidas entre seus filhos e a Ayahuasca.

O CONAD deliberou, então, normativas para a produção, o envase e o consumo da bebida bem como determinou os requisitos que os membros devem preencher para poder participar do ritual, principalmente quanto ao consumo por menores de idade, gestantes ou portadores de transtornos psicológicos. De modo geral, cabe a cada instituto a aceitação, a administração da condução e a quantidade de bebida ingerida por esses indivíduos, de modo que cada espaço que faz o uso da Ayahuasca como parte da ritualística introduz os membros a partir de seus preceitos religiosos.

Sendo assim, a resolução e a legalidade do consumo da Ayahuasca resultaram em um processo que determinou a forma ritualística de integrar a bebida em meios urbanos, levando em consideração as principais linhas ayahuasqueiras e determinando a liberdade para que cada instituição empregasse suas próprias especificidades.



## O Vôo da Águia: a contextualização histórica do Instituto Espiritual Xamânico Céu Caminhos do Amor

No ano de 2012, com um caminho já trilhado dentro da cultura ayahuasqueira, Cleudete Maria Amorim e Alberto Piaia decidiram abrir um local de consagração em sua terra natal, Coronel Freitas, localizada no estado de Santa Catarina. Cleudete explica: “Este céu foi projetado num caminho outro, quando os padrinhos<sup>5</sup> da época não tinham um local externo para consagrar Ayahuasca, na época eu não era madrinha”. O espaço foi criado, em um primeiro momento, para que outra liderança pudesse servir a Ayahuasca. A princípio, o local comportava rituais externos para um público de 30 pessoas.

Vimos para Coronel Freitas depois desta meditação, e começamos a limpeza a limpeza espiritual, a limpeza com nosso abuelo tabaco limpeza Wrezando, uma Ayahuasca que na época era servido por uma outra madrinha deste mesmo caminho, porque para servir Ayahuasca era preciso ser aprovado por um curso de padrinho num outro espaço, do qual na época era denominado de Céu Nossa Senhora da Conceição. A partir daí servíamos então a medicina deste outro espaço, aqui (AMORIN, 2018).

Devido às redes de Ayahuasca e os núcleos de distribuição e consagração formados por ela, acredita-se que grande parte dos espaços do tipo “Céu” do oeste catarinense são e serão descendentes de ambientes neoxamânicos estabelecidos no centro-sul do país. Essas ramificações serão as fontes ayahuasqueiras primordiais e, a partir delas, tornar-se-ão responsáveis por reproduzir suas próprias condutas e normativas.

Para estar-se apto a servir a Ayahuasca para o público ou ministrar qualquer cerimônia era preciso passar por diversos cursos preparatórios dentro das matrizes institucionais. A produção e a distribuição da Ayahuasca são, no primeiro momento, de responsabilidades dos grandes institutos que irão regulamentar e racionar a propagação da bebida para os demais espaços.

Nesse contexto, vale destacar o espaço Céu Nossa Senhora da Conceição, criado em 2005. Localizado na cidade de Cananéia, no estado de São Paulo, é um dos maiores espaços neoxamânicos da atualidade e recebe pessoas de todo o Brasil para sessões de meditação com Ayahuasca. Em seu ápice, as sessões contaram com cerca de mil pessoas, além dos inúmeros cursos de formação ministrados, que contribuíram direta ou indiretamente para a nutrição de espaços holísticos<sup>6</sup> e terapêuticos.

Assim como Goulart (2005) propõe, as criações de novas redes ou organizações xamânicas se dão a partir da dissidência de doutrinas pré-existentes. Desse ponto, a criação do Céu Caminhos do Amor é respaldada por diversas fontes e fatores que nutrem a base para a construção do local, tanto do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista espiritual.

A organização do espaço físico dá-se dentro das terras de Coronel Freitas, no estado de Santa Catarina. A escolha do local ocorreu principalmente por se tratar da antiga residência dos fundadores da instituição. *A priori*, o terreno foi preparado para receber no máximo 40 pessoas, fato que se relaciona principalmente com o número de integrantes que tradicionalmente participavam das sessões com Ayahuasca em diferentes locais da região oeste catarinense. O intuito da criação do Céu era unir forças e integrantes para o fortalecimento da corrente na região, então, dessa forma, os padrinhos dos espaços visitavam-se, participavam das sessões uns dos outros, realizavam cursos de aperfeiçoamento juntos e partilhavam materiais.

Quando começou nós tínhamos um espaço de aproximadamente 50 metros quadrados com brita no chão, e a gente começou a idealizar uma obra testificada pelo amor, pelo amor ao mestre, pelo amor à vida, pelo amor que se nutre, pelo caminho e pela caminhada do caminho vermelho. Falo caminho vermelho porque é o caminho que me nutre, caminho que me faz nesta senda da vida ser irmã de todos aqueles que tem o sangue vermelho, e aqueles que trafegam comigo nessa caminhada que possui o mesmo intuito de sonhar e idealizar o amor aqui estão comigo (AMORIN, 2018).

À época da criação do instituto, para além das questões relacionadas às redes ayahuasqueiras de base, existiam outras questões que deveriam ser organizadas para possibilitar a independência de uma única rede ayahuasqueira. Isso foi possível apenas quando ocorreu a institucionalização do local, no ano de 2012, dada a realização de sua inscrição como uma organização religiosa a partir do programa de Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. Esse movimento possibilitou que o espaço pudesse adquirir Ayahuasca de fontes independentes e, assim, promover rituais abertos ao público.

[...] Era necessário para servir Ayahuasca ter CNPJ, então criamos um CNPJ, como uma instituição na época religiosa sem fins lucrativos como está no seu estatuto social de constituição. É um espaço onde se tem atividades não religiosas, mas Xamânicas, o xamanismo pressupõe a inter-relação da terra do fogo, da água e do ar, olhando para a nossa sacralidade masculina e feminina. E dentro dessa sacralidade então nasce todos os estudos que a gente desenvolve no espaço. Institucionalmente hoje ele possui seis anos, nós prestamos conta a uma equipe que nós denominamos guardiões do espaço, esses

guardiões são um coletivo dos quais muitos deles são membros da diretoria e todo o recurso que nós adentramos a este espaço serve para que a gente melhore as obras as acomodações do espaço, então ele é instituído como um sem fins lucrativos, não consideramos um espaço religioso, até porque recebemos irmãos de todas as religiões e todos eles honram a força do alto e a força da terra compreendendo este espírito do alto como a muitos chamam de Buda, Krishna, Deva, Deus, e honramos a mãe da terra a pachamama, aquela que se você semear e fecundar tudo nos dá, tudo nos brota, então dessa singularidade também nasce, emerge o Céu Caminhos do Amor (AMORIN, 2018).

Com o passar dos anos o Céu Caminhos do Amor ganhou notoriedade dentro do circuito ayahuasqueiro da região e os pequenos rituais tornaram-se grandes.

Na sequência a gente começou a receber 35 irmãos, 55 irmãos, 75 irmãos, e tivemos um ritual onde recebemos 119 irmãos para servir Ayahuasca, e aí a gente se apavorou, porque era muita gente na época, caminhávamos em poucas pessoas, poucas pessoas a gente tinha para poder contar no caminho mesmo, e eu como madrinha centralizava em mim, toda a força da espiritualidade, da seleção, da limpeza, da condução, e o padrinho centrava nele a força física das construções (AMORIN, 2018).

No início a equipe de apoio era reduzida devido aos preceitos da época, uma vez que era preciso cumprir diferentes requisitos para estar habilitado a tornar-se membro dela e, por esse motivo, os criadores da instituição organizavam tudo dentro do local.

Uma vez recebemos uma visita de um outro padrinho e a gente idealizava em trazer uma banda que cantava as nossas canções para a espiritualidade, e aí neste intento conseguimos pensar uma construção para colocar a banda tocar, e aí convocamos os irmãos que acreditavam nesta obra para que ajudassem a diligente erguer. Um irmão que tem uma formação e uma entrega muito grande para este espaço, chamado Kiron. Kiron desenhou a obra do céu caminhos do amor que hoje a gente consagra (AMORIN, 2018).

Desde a parte financeira até a limpeza, tudo era de responsabilidade exclusiva dos fundadores do espaço. Esse cenário começou a ser modificado à medida que novos membros chegaram para participar dos rituais com a Ayahuasca. Com o crescente número de integrantes, o interesse em compartilhar o cotidiano da fundação resultou no ingresso de diversos integrantes à equipe. Com a chegada de mais membros, o instituto começou a ganhar forma, afinal, mesmo mantendo uma matriz de núcleo familiar, os denominados “guardiões” despertaram o desejo

de organizar o espaço físico e, em conjunto com outros membros participantes das cerimônias, iniciou-se a construção de um salão cerimonial, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 – Início da construção do salão cerimonial em formato de chapéu, 2014.



Fonte: Acervo Cleudete Amorim.

O chamado Caminho Vermelho, ou Caminho do Meio, reflete os paralelos expressos nas jornadas neoxamânicas, que são inseridas nos discursos dos membros da instituição. Nesse contexto, o Caminho Vermelho refere-se à igualdade e à proximidade nas relações estabelecidas entre os participantes do instituto.

O caminho como metáfora para a vida aparece em vários momentos, seja através das práticas vivenciais, ou nos discursos. É comum ouvir expressões como “o caminho vermelho do xamanismo”, “a minha caminhada”, “sustentar o meu cajado”, “o caminho se faz ao caminhar”, todas essas, metáforas para a existência e para expressão do ser (LISBOA, 2012 p. 9).

É válido salientar que toda relação entre o Caminho do Meio está estabelecida dentro dos elementos que compõem o estado elementar da natureza: terra, fogo, água e ar; eles são utilizados como direcionamento do movimento. Atualmente o Céu Caminhos do Amor conta com várias edificações, como o salão principal, o

dormitório e o espaço masculino. Todos eles foram construídos com mão de obra voluntária e ajuda financeira de frequentadores do local.

### **Os rituais da Ayahuasca no Instituto Espiritual Xamânico Céu Caminhos do Amor**

Ao falar das tradições ayahuasqueiras amazônicas, Goulart (2005) aponta que esses inúmeros fragmentos culturais são parte de um grande todo que culmina na constituição de uma linha dissidente, ou ainda uma tradição neoxamânica única. E é a partir dessas duas compreensões, primeiro relacionando a busca urbana por uma profundidade espiritual e em um segundo momento considerando as diversas partículas culturais com que o ritual com a Ayahuasca é realizado dentro do Instituto Espiritual Xamânico Céu Caminhos do Amor. A Figura 2 é seguida do trecho principal da canção composta para essa cerimônia que foi cantada no momento em que a fotografia foi tirada.

Figura 2 – Ritual de Aniversário de 5 anos do Instituto Xamânico Céu Caminhos do Amor.



Fonte: Adriel Luiz – Entheogen Fotografia.

“Céu Caminhos do Amor.  
Ser grato e companheiro,  
Céu Caminhos do Amor.  
Ser da Luz um Guerreiro,  
Céu Caminhos do Amor.  
E o ser se reconhece, resplandece  
No Céu No Céu Caminhos do Amor”<sup>7</sup>

O principal evento ritualístico que ocorre dentro do Instituto Xamânico Céu Caminhos do Amor acontece no primeiro sábado de cada mês. Trata-se de um ritual de Ayahuasca, em que a bebida é servida de forma sistêmica para um número de participantes que varia entre 140 e 270<sup>8</sup> pessoas.

O ritual com a Ayahuasca dura em média quatro horas, mas as ritualísticas em torno dela costumam perdurar durante todo o final de semana. No Instituto Céu Caminhos do Amor existem cerimônias abertas ao público e cerimônias fechadas somente para os guardiões e membros da organização da instituição.

Sempre que a gente utiliza uma Ayahuasca em um trabalho aberto, é feito um trabalho um dia antes com essa mesma Ayahuasca então todos os guardiões tomam desta Ayahuasca para a gente sentir a força, harmonizar o espaço e sentir o quanto servir para cada irmão que vem no trabalho aberto (PIAIA, 2018).

Os trabalhos com a medicina da floresta têm início na noite de sexta-feira, quando os membros do corpo organizacional da instituição utilizam a Ayahuasca de forma ritualística; esse é o momento em que fazem seu trabalho espiritual, preparando-se para receber o público na cerimônia aberta do dia seguinte. Nesse pré-ritual é possível saber como a medicina irá se comportar, quanto do chá será necessário servir para a duração da cerimônia, além de ser possível perceber os efeitos da bebida e como será o trabalho do dia seguinte. Já pela manhã, a mesma equipe prepara, organiza e higieniza o espaço, aguardando os participantes.

Nós temos hoje, eu sou responsável por um grupo de pessoas aonde a gente recepciona todos os irmãos que chegam, cada um que chega já tem uma ficha, que quando é pela primeira vez é preenchido todo um questionário e estas fichas são arquivadas todo mês e sempre quando tem algum novo integrante algum novo irmão que vem pela primeira vez a gente solicita o preenchimento desta ficha para nós guardar os dados lá desta pessoa e ela autorizado também a divulgação de fotos de imagens essas coisas, também a gente é muito cuidadoso na questão de quando é algum menor de idade, a gente exige um acompanhamento de um pai ou de uma mãe e quando não se pode, a gente exige que o menor traga uma autorização do titular da criança autenticada em cartório isso tudo para a gente se assegurar da seriedade que é o Céu do cuidado que a gente tem com as pessoas

no Céu e terminando todo este trabalho as fichas são conferidas, são guardadas, e selecionadas algumas para a gente ter uma observação maior durante os rituais, como algumas pessoas que usam algum tipo de drogas, algumas drogas mais ilícitas, então a gente tem um cuidado a mais com esses irmãos (RIGO, 2018).

Cada um dos guardiões tem uma função: há pessoas designadas para a recepção do público, a separação dos alimentos, as acomodações dos participantes e a organização financeira. A mesa para a realização das inscrições é disposta com fichas. Cada participante que chega faz seu cadastro e efetua o pagamento referente ao ritual com a Ayahuasca, à alimentação, à pernoite e às cerimônias adjacentes.

Ao assinarem o termo de compromisso, todos os participantes concordam em permanecer no espaço até o final da ritualística com a Ayahuasca, que, conforme citado anteriormente, tem a duração mínima de quatro horas.

Cabe ressaltar que toda a forma de organização do Instituto Céu Caminhos do Amor surgiu a partir do crescimento da demanda. Para que o controle financeiro e organizacional fosse eficaz, houve a necessidade de institucionalizar a entrada e a permanência de todo o coletivo.

Há também uma equipe responsável por cuidar do estacionamento e dos limites do espaço, garantindo que não haja entrada de pessoas após o início do ritual e saída de participante antes do fim da ritualística. Durante toda a cerimônia os guardiões auxiliam acendendo incensos e velas, servindo água e fazendo uso do Cachimbo Sagrado para ancorar energeticamente o espaço.

Bem, as regras foram criadas na verdade no início do caminho, por perceber que algumas mulheres e homens vinham de regata vinham de bermuda, a gente institucionalizou então as normas, essas normas foram criadas visando o bem comum, haja vista que trabalhamos a espiritualidade não sendo preciso mostrar o corpo. Então mulheres a gente sempre sugere que usem saias compridas até o joelho embaixo que possam colocar uma legging ou uma bermuda para ficar mais confortável haja vista que o espaço é dividido entre homens e mulheres e essa institucionalização de separar o masculino do feminino são porque energias masculinas vibram e pulsam numa energia talvez não semelhante, a masculina e feminina e essa divisão existe simples e puramente para que a gente possa trabalhar as energias e não apenas o gênero recebemos no espaço homens e mulheres com outra orientação sexual, estes são respeitados e a estes também honramos toda esta diversidade que cada um traz, é nesta singularidade então que nasce as normas construídas também por este coletivo supracitado, do qual nos respalda, do qual estas normas são rigorosamente seguidas por todos os irmãos que signatários destas normas adentram o espaço (AMORIN, 2018).

Anteriormente à ritualística com a Ayahuasca acontece uma palestra informativa sobre o funcionamento do ritual para os participantes. Nessa palestra o padrinho e a madrinha do espaço discorrem sobre as regras deste e contam um pouco do intuito de cada ritual, levando em consideração o nome escolhido para a celebração.

Eles informam, também, que homens e mulheres fazem suas ritualísticas separadamente, posicionamento que teve início ainda nas primeiras ritualísticas com a Ayahuasca, por compreender que homens e mulheres têm vivências e comportamentos diferentes. Devido ao aumento do público participante das cerimônias houve a necessidade de organização e adequação do ambiente: foram estabelecidos perímetros de usos masculinos e femininos. O espaço maior é designado para o público feminino, já que a quantidade de mulheres participantes nos rituais com Ayahuasca é geralmente superior à quantidade de membros masculinos.

O templo é feito na forma de um chapéu redondo, com uma pirâmide bem ao centro. O local é coberto e protegido, servindo também como dormitório para os participantes que permanecem no local após o término da cerimônia. Para quem pernoita no instituto é obrigatória a separação dos casais: homens dormem para a esquerda e mulheres para a direita. Essas mesmas diretrizes funcionam para casais homoafetivos, que são orientados a dormir em colchões separados e permanecerem afastados até o fim de todo o ritual, mantendo, dessa forma, a “separação energética”.

## **Considerações finais**

Durante todo o processo de organização e levantamento de fontes deste trabalho foi possível observar como as linhas ayahuasqueiras nasceram e se formaram, além de traçar seus caminhos até chegarem ao oeste catarinense. O principal objetivo aqui foi compreender como todas essas concepções tornaram-se derivadas e parecem tão diferentes ao mesmo tempo.

Foi possível, também, entender a causa de não existir uma rede ayahuasqueira unificada, uma vez que, para tanto, a produção e a distribuição da bebida aconteceriam de forma industrial, desconsiderando as diferentes dissidências culturais e ideológicas postas na geografia do território brasileiro. “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecedem” (LARAIA, 2011, p. 45).

Assim como o autor coloca, o homem é resultado de tudo o que está à sua volta. Por assim ser, é possível perceber como cada linha transformou-se a partir de



diversos elementos e, principalmente, como as influências religiosas preestabelecidas estão inseridas dentro das ritualísticas com Ayahuasca, dando vida, assim, às novas dissidências e aos diversos formatos de cerimônias.

A partir da década de 1990, quando os centros ayahuasqueiros tornaram-se mais conhecidos em locais urbanos, foi possível observar uma grande fusão entre tradições como Santo Daime e Barquinha e os conceitos religiosos comuns nesses locais. Assim, surgiram diversas linhagens, como a União do Vegetal (UDV), e inúmeros centros neoxamânicos independentes.

O estudo realizado em Coronel Freitas no Instituto Xamânico Céu Caminhos do Amor considerou a construção arquitetônica do lugar e sua organização. Foi possível observar, a partir das entrevistas com as lideranças, como ocorreu a fundação do instituto e as suas primeiras cerimônias.

Todos os símbolos devem ter uma forma física, pois do contrário não podem penetrar nossa experiência, mas o seu significado não pode ser percebido pelos sentidos (LARAIA, 2001).

Dessa forma, entende-se que, mesmo *a priori* fazendo parte de outras linhagens ayahuasqueiras, hoje o espaço segue independente, criando sua própria forma de condução e organização, prendendo-se às simbologias e às experiências que fizeram parte de seu cotidiano em algum momento.

Das ritualísticas expostas, cada uma delas representa parte desse imaginário social, uma vez que são compostas de diferentes simbologias que se adequaram aos ideais do espaço. Ao longo destas páginas, diversas cerimônias apontaram que espaços neoxamânicos realizam inúmeras atividades além da ritualística com a Ayahuasca, e embora este seja o principal foco deste artigo, é essencial compreender que essas outras ritualísticas formam cenário que determina a usabilidade e o surgimento desses centros no meio urbano.

## Referências

---

- AMORIN, Cleudete Maria: depoimento. Entrevistador: Natalia A. Concolato. Coronel Freitas, 2018. 1 arquivo. MP3 (30 min.). 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre a observância, pelos órgãos da Administração Pública, das decisões do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas – CONAD sobre normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da Ayahuasca e dos princípios deontológicos que o informam. Disponível em: [ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssp/bibliote/informe\\_eletronico/2010/iels.jan.10/iels16/U\\_RS-CONAD-1\\_250110.pdf](ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssp/bibliote/informe_eletronico/2010/iels.jan.10/iels16/U_RS-CONAD-1_250110.pdf). Acesso em: 22 nov. 2017.
- CARNEIRO, Henrique. **A Odisséia Psiconáutica**: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. O Uso Ritual Plantas de Poder. São Paulo: Mercado das Letras, 2005.
- ESCOBAR, José Arturo Costa. **Ayahuasca e Saúde**: efeitos de uma bebida sacramental psicoativa na saúde mental de religiosos Ayahuasqueiros. 2012. 260 f. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- GOULART, Sandra Lucia. Contrastes e continuidades em uma tradição religiosa amazônica: os casos do Santo Daime, da Barquinha e UDV. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005, p. 355-396.
- LABATE, Beatriz Caiuby. **Dimensões legais, éticas e políticas da expansão do consumo da Ayahuasca**. O Uso Ritual Plantas de Poder. São Paulo: Mercado das Letras, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LISBOA, Gabriel. “Você vai bater tambor?": um estudo da prática de neo-xamanismo na Aldeia Nativa em Belo Horizonte. **Revista Três Pontos**, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3169>. Acesso em: 11 de março de 2021.
- PACHECO, Carlos Eduardo Neppel. **Um psicoativo em trânsito**: o caso histórico da Ayahuasca. 2014. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.
- PIAIA, Alberto: depoimento. Entrevistador: Natalia A. Concolato. Coronel Freitas, 2018. 1 arquivo. MP3 (30 min.). 2018.

RIGO, Almir José depoimento. Entrevistador: Natalia A. Concolato. Coronel Freitas, 2018. 1 arquivo. MP3 (20 min.). 2018.

SOUZA, Pierre André. de. Alcaloides e o chá de Ayahuasca: uma correlação dos estados alterados da consciência induzido por alucinógenos. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, Botucatu**, v. 13, n. 3, p. 349-358, 2011.

WERÁ, Kaká. **O trovão e o vento, um caminho de evolução pelo Xamanismo Tupi Guarani**. São Paulo: Polar, 2016.

## Notas

---

- <sup>3</sup> A palavra Xamã tem suas origens a partir da observação de culturas da África subsaariana e pode-se associá-lo ao portador dos conhecimentos da floresta. “No Brasil, o conceito de ‘Xamã’ foi traduzido na língua tupi como ‘pajé’ palavra que vem de raiz Mbaé” (WERÁ, 2016, p. 46).
- <sup>4</sup> Enteógeno é um termo utilizado frequentemente por espaços neoxâmnicos para descrever estados alterados de consciência, dissociando, assim, a Ayahuasca de diferentes paradigmas empregados a plantas estimulantes.
- <sup>5</sup> Padrinho e madrinha são os gestores do espaço que conduzem as cerimônias, organizam e escolhem os guardiões, são as autoridades máximas do corpo da organização.
- <sup>6</sup> Holístico é um conceito criado por Jan Christian Smuts em 1926 e define a relação de cura por meio de terapias e medicinas naturais.
- <sup>7</sup> Música composta por membros da banda Munay em homenagem ao aniversário do Instituto Xamânico Céu Caminhos do Amor.
- <sup>8</sup> Número retirado da ata de entrada, a qual cada participante assina seu nome antes de adentrar o instituto.